



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

LITERATURA INFANTIL PROBLEMATIZANDO DISCUSSÕES SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

Autor: Ariana Souza Cavalheiro¹; Joanalira Corpes Magalhães ²

Universidade Federal do Rio Grande - coordenadora.arianacavalheiro@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa consiste em uma análise dos Livros Infantis que compõem os Acervos Complementares destinados as/aos professoras/es, participantes do Pacto Nacional da Alfabetização pela Idade Certa (PNAIC), um programa do Ministério da Educação (MEC) o qual, visa o desenvolvimento de ações que contribuem para o debate acerca dos direitos de aprendizagem das crianças do ciclo de alfabetização. Objetivamos com essa pesquisa discutir como as temáticas de gênero e sexualidade se fazem presentes dentro da estrutura desse programa, assim fundamentamos nossos estudos na perspectiva pós-estruturalista a partir do campo dos Estudos Culturais e de Gênero. Tencionamo-nos discutir a sexualidade como uma construção social, histórica e cultural, entendendo que não é mais possível que as questões relativas à sexualidade passem despercebidas no espaço escolar.

Palavras – Chave: Artefatos Culturais, Diversidade, Gênero, PNAIC, Sexualidade.

INTRODUÇÃO:

Tendo em vista as discussões entorno da diversidade, gênero e sexualidade, apresentamos enquanto proposta para esta pesquisa, uma análise dos artefatos culturais³ que compõem o kit destinado as/os professoras/es participantes do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), no ano de 2012, o qual, visa garantir e assegurar a alfabetização das crianças até seus oito anos de idade.

As/os professoras/es alfabetizadoras/es participantes deste programa recebem uma formação durante dois anos, com orientações de como deve ser desenvolvidas as atividades de

¹ Mestranda do Programa de Pós – Graduação em Educação - PPGEDU pela Universidade Federal do Rio Grande/ FURG. Coordenadora.arianacavalheiro@gmail.com – Bolsista FAPERGS.

² Doutora em Educação em Ciências, Professora Adjunta do Instituto de Educação, FURG, joanaliracm@yahoo.com.br Orientadora.

³ Nessa perspectiva, as revistas, programas de televisão, músicas, imagens, livros, filmes, jornais, dissertações/teses, entre outros são considerados artefatos culturais, pois foram instituídos dos resultados de uma construção social. (SILVA, 2004 apud in RIBEIRO, 2011. p. 61)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

alfabetização, avaliações, atividades práticas, planejamentos e utilização dos materiais didáticos oferecidos pelo MEC.

Segundo o caderno *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo na alfabetização: concepções e princípios: ano 1: unidade 1*⁴, destaca ser de suma importância a formação continuada para que estas/es professoras/es estejam, devidamente capacitadas/os e preparadas/os, pois “à medida que as sociedades se modernizam e se complexificam, esses precisam ser cada vez mais preparados para acompanhar as inúmeras transformações da sociedade contemporânea” (BRASIL, 2012. p. 8).

Seguindo a leitura destes documentos de formação, é possível perceber a atenção destinada pelo MEC para tratar das discussões que possibilitem pensar sobre questões de gênero, sexualidade e diversidade, refletindo sobre a construção de um currículo multicultural, onde, será possível compreender as diferenças, a valorização de cada especificidade, seja ela, cultural, linguística, étnica ou de gênero.

Elaborar currículos culturalmente orientados demanda uma nova postura, por parte da comunidade escolar, de abertura às distintas manifestações culturais. Faz-se indispensável superar o “daltonismo cultural”, ainda bastante presente nas escolas. O professor “daltônico cultural” é aquele que não valoriza o “arco-íris de culturas” que encontra nas salas de aulas e com que precisa trabalhar, não tirando, portanto, proveito da riqueza que marca esse panorama. É aquele que vê todos os estudantes como idênticos, não levando em conta a necessidade de estabelecer diferenças nas atividades pedagógicas que promove (BRASIL, 2012. p. 14).

Com base nestas questões e outras tensões que nos inquietam, nos debruçamos sobre esta pesquisa levando em consideração como estes artefatos culturais estão emergindo na sala de aula com a intenção de problematizar e discutir estes temas com o público infantil. Pensando como estas/es professoras/es estão trabalhando ou possibilitando discutir estas temáticas no ambiente da sala de aula, e fora dela.

⁴ BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo na alfabetização: concepções e princípios: ano 1: unidade 1*/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012. 57 p.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

APRESENTANDO ALGUNS ENTENDIMENTOS

Apresentamos a escola como um espaço relevante para discutir estas temáticas, entendendo que estas estão presentes no dia-a-dia e não há como deixar essas questões do lado de fora. Pensando assim, entendemos que o conjunto dessas reflexões indica que, “nos dias atuais, não é mais possível que as questões relativas à sexualidade passem despercebidas ou que sejam tratadas com deboches ou indignação” (CAMARGO, 1999. p. 43). Neste aspecto, buscamos identificar a relação de gênero e sexualidade utilizando os livros Infantis como estratégia para um contato mais próximo das linguagens infantis. Segundo Camargo (1999):

A escola é uma das instituições encarregadas de transmitir cultura e formas de comportamento aceitas pela sociedade, mas pode também ser um espaço de questionamento desses comportamentos. Atualmente, esfacelada por uma série de motivos, a escola contém espaços de resistência, em que a criatividade e a sensibilidade representam possibilidades de problematização de seu papel (p. 43).

Segundo Louro (2007) “fica evidente, que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre as instituições sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino” (p.89). Neste sentido, nossa pesquisa terá seu foco central nos livros infantis os quais a partir dos Estudos Culturais, são potentes artefatos que permitem discussões e reflexões acerca de seus materiais. Olhamos para estas ferramentas como peças norteadoras as quais se propõe a incluir a criança na participação de discussões sobre os temas aqui propostos. Cabe pensar sobre o entendimento que a criança já estabeleceu sobre as discussões de gênero, sexualidade e a diversidade, oportunizando a elas pensar e refletir sobre estas construções que constituem o ambiente no qual se relacionam entre si.

Tratar de temas como estes, esbarram em propostas curriculares que pensam os corpos somente biológicos, naturalizando questões ligadas à sexualidade e a comportamentos referentes ao gênero. Ainda hoje é possível observar professoras/es que estabelecem suas discussões acerca de corpos biológicos, trabalhando o corpo por partes, apresentando



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

diferenças biológicas entre masculino e feminino. Discussões sobre sexualidade, pautadas na higiene e saúde, dando ênfase as características comportamentais que diferem meninas e meninos.

Para entender melhor como essas discussões estão presentes no referido programa, uma análise prévia nos permitiu observar que dentre os 30 livros que compõe um dos três Acervos Complementares destinados as/os professoras/es, dez livros apresentam uma proposta voltada para pensar sobre corpo, gênero, sexualidade e diversidade.

ANALISANDO OS ARTEFATOS

É possível discutir a partir da seleção destes cinco livros⁵, temáticas como diversidade cultural, a constituição familiar, representações de gênero, características que são representadas as meninas e os meninos. É necessário possibilitar debates sobre a configuração das identidades por meio de livros infantis, os quais estão presentes na construção desses sujeitos infantis através de suas trocas singulares, convívio entre pares, diversidade e expressão. Segundo Hall (2011, p.12) o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não só de uma única, mas de várias identidades.

Neste contexto, entendemos que os livros Infantis podem ser utilizados como uma ferramenta para tratar destes temas os quais muitas vezes não são vistos como de fácil abordagem. Levando ainda a um entendimento da formação sociocultural arraigada a um pensamento heteronormativo e adultocêntrico, não se permitindo pensar e refletir sobre outras possibilidades. Assim nos questionamos a pensar de que maneira a/o professora/or dos Anos Iniciais pode promover esta discussão junto às crianças? Visto que é possível proporcionar uma problematização acerca das diferentes representações de gêneros, diversidade e sexualidades a partir destes livros, e também de outros materiais.

Assim, a criança tem possibilidade de conviver com as decisões coletivas [...] esse ideário acena para as múltiplas dimensões de didática, cujo papel não é apenas buscar novos procedimentos de ensino como meio de facilitar o

⁵ Estes Livros compõe a caixa B, do Primeiro Ano da Educação Básica. Os títulos selecionados foram, O menino Tito, Animais e Opostos, Família Alegria, Gente de Muitos Anos, Carta do tesouro, De mãos dadas às crianças de todas as partes do mundo, O grande e maravilhoso livro das Famílias, Os feitiços do Vizinho, Beijo de Bicho.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

trabalho de educador e da educadora e a aprendizagem [...] mas considerá-lo no contexto em que foram gerados que envolve a visão de ser humano, de sociedade e de conhecimento. (CANDAU *apud* in CAMARGO, 1999. p. 46).

Para Connell (*apud* in LOURO, 2007) no gênero, a prática social se dirige aos corpos. O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas, representadas e trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico. Louro (2007) busca-se intencionalmente, contextualizar o que se firma ou se supõe sobre os gêneros, tentando evitar as afirmações generalizadas a respeito da “Mulher” ou do “Homem” (p.22). Afasta-se (ou se tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista a priori. (p.23). A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. (p.24).

Para Hall (*apud* in LOURO, 2007) o gênero institui a identidade do sujeito assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, também são exemplos. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais constituem-se, ao mesmo passo que constituem os gêneros. Neste viés apresentamos aqui a diversidade como fruto das discussões acerca dos gêneros, entendendo a mesma como construção história gerada a partir das diferenças culturais e sociais. Diariamente, é possível perceber questionamentos sobre a diversidade, mas principalmente no ambiente escolar. Segundo Gomes (2007):

[...] do ponto de vista cultural, a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder. Sendo assim, mesmo os aspectos tipicamente observáveis, que aprendemos a ver como diferentes desde o nosso nascimento, só passaram a ser percebidos dessa forma, porque nós, seres humanos e sujeitos sociais, no contexto da cultura, assim os nomeamos e identificamos.(p.17).

Todavia, é possível pensar nas histórias infantis como um recurso encorajador que permite as crianças encarar os problemas vivenciados cotidianamente referentes às relações de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

gênero, diversidade e sexualidade, possibilitando a elas estabelecer as relações entre a literatura e os acontecimentos que as cercam.

Como mencionamos os livros logo apresentados compõe o Acervo Complementar do 2º do 1º Ano do ensino fundamental, composto por trinta livros. Onde buscou-se nesta seleção priorizar aqueles que apresentam possibilidades de discussões acerca da diversidade, gênero e sexualidade.

- **De mãos dadas:** é uma adaptação, em linguagem simples, dos dez princípios da Declaração Universal dos direitos da Criança. Autora – Ingrid Biesemeyer Bellinghausen.
- **Os feitiços do vizinho:** narra por meio apenas de imagens, uma história de encontros e descobertas entre pessoas muito diferentes, tanto na cor da pele, como no vestuário, no cabelo, etc. Assim a obra tenta representar, nos personagens, as características multiétnicas da população brasileira. Autora – Sonia Junqueira.
- **O menino Nito: então, homem chora ou não?:** Afinal, homem chora ou não? Na história contada na obra, o personagem Nito chorava muito desde que nasceu, mas, certo dia, seu pai lhe disse que “homem não chora”, oportuniza ao leitor refletir sobre as questões de gênero, explorando principalmente os papéis sociais do homem e da mulher. Autora – Sônia Rosa.
- **Carta do tesouro para ser lida às crianças:** trata dos direitos das crianças na perspectiva do multiculturalismo e da diversidade cultural, étnica, linguística, religiosa, sexual, de gênero, de arranjo familiar e de classe social. Autora – Ana Miranda.
- **O grande e maravilhoso livro das famílias:** trata das mudanças atuais no conceito de família e da diversidade cultural, religiosa, econômica e social das famílias contemporâneas. Apresenta uma família típica e expõe, em seguida, treze aspectos que compõe diferentes características das famílias, a exemplo de composição, moradia, escola, trabalho, lazer, culinária, costumes, etc. Autora – Mary Hoffman.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

É importante refletir sobre algumas questões que se apresentam nos livros como naturalizadas, ou demarcando as identidades de gênero, como as únicas possibilidades de se viver a sexualidade. Assim nossa pretensão com essa escrita foi mostrar através dos livros, que estes artefatos culturais, são uma grande ferramenta para auxiliar na prática pedagógica.

Talvez a intensão do PNAIC, com a escolha deste material, seja diminuir ou até mesmo acabar com a discriminação, preconceito, abuso, ou qualquer tipo de violência que possa prejudicar a constituição da identidade da criança. Na medida em que se reestrutura nossa sociedade, faz-se necessário trazer para dentro dos espaços educativos, possibilidades que aproximem as crianças desses assuntos, os quais por muitas vezes são vivenciadas por elas mesmas. Assim não paramos nossas análises por aqui, entendendo o quanto ainda é necessário se falar em educação para a diversidade sexual e de gênero.

METODOLOGIA

O artigo destina-se a uma análise dos livros infantis que compõe os Acervos Complementares do material destinado as/aos professoras/es, os quais é possível perceber uma aproximação maior com os temas de gênero, sexualidade e diversidade. Nossa ferramenta para produção de dados, além da análise destes artefatos será o grupo focal, onde as narrativas serão analisadas sob um viés pós-estruturalista, buscando perceber de que maneira se estabelecem as discussões dentro do programa e da formação das/os professoras/res.

Nossa proposta é acompanhar o Ensino Fundamental, onde se destina este Programa, tendo como grupo focal as/os participantes da formação continuada proposta pelo PNAIC, sendo está ofertada pela Secretaria de Educação do Município aqui da Cidade de Rio Grande.

Pensando em uma forma interdisciplinar e contextualizada, na qual o professor possa relacionar e estabelecer um contato histórico com as relações de diversidade, gênero e sexualidade. A literatura infantil, como recurso lúdico carrega consigo diversas finalidades



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

como estimular a leitura, formar leitores e promover desde cedo o contato com a arte. É neste momento de imaginar e interpretar que as crianças vão construindo habilidades, entendimentos, conhecimento e aprendizagem.

Para Abramovich (2009):

A literatura (...) é também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo). [...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em que as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar. (p.14).

Pensando assim, abordaremos a literatura utilizada como recurso, que aproxima as crianças dos temas diversidade, gênero e sexualidade e que pode modificar este cenário de rejeição, e inadequação nas atividades exercidas por parte das crianças, às caracterizando como atividades de Meninos e atividades de meninas. Louro nos diz que:

Uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admitam que existem muitas formas de se viver o gênero e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e feminilidade e uma única forma normal e sadia de sexualidade, a heterossexualidade; afasta-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico (LOURO e GOELHER, 2010. p. 43-44).

Segundo Camargo (1999. p. 39) ainda hoje, a abordagem de questões sexuais na escola são consideradas como não-sadias, pois estimulam precocemente a sexualidade da criança. Neste projeto buscarei discutir a sexualidade como uma questão social, ética e moral, perpassando pelas relações de liberdade individual, autonomia e respeito por si e pelo outro, em um ambiente singular e/ou plural. Neste aspecto, buscamos identificar a relação de diversidade, gênero e sexualidade utilizando os livros Infantis como estratégia para um contato mais próximo das linguagens infantis. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, elaborado pelo MEC, considera que:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com o prazer, necessidade fundamental dos seres humanos [...] A marca da cultura faz-se presente desde cedo no desenvolvimento da sexualidade infantil, por exemplo, na maneira como os adultos reagem aos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem em seu corpo. (BRASIL, 1998. p. 18).

Nesta perspectiva, levaremos em consideração se as/os professoras/es estão se permitindo inovar, criar, utilizar-se da literatura infantil, não apenas para distrair, recrear ou passar tempo, mas sim possibilitar esta relação das crianças com a leitura, as discussões, problemáticas e o entretenimento.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A pesquisa aqui apresentada é resultado parcial da dissertação em andamento pelo Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal do Rio Grande. Em decorrência apresentamos apenas as análises iniciais dos artefatos, que nos permitiram perceber de que maneira o programa PNAIC aborda as temáticas de diversidade, sexualidade e de gênero, em seu contexto. Trazendo a proposta de articulação por meio da leitura e interação com o público infantil.

Tencionamos em apresentar o quanto a literatura é importante para a discussão dos temas de gênero, sexualidade e diversidade, mesmo sendo estes tidos como tabus nas séries iniciais. Na medida em que se reestrutura nossa sociedade, faz-se necessário trazer para dentro dos espaços educativos, possibilidades que aproximem as crianças desses assuntos, os quais pro muitas vezes são vivenciadas por elas mesmas.

Felipe (2013) nos diz que:

(...) cabe referir que provavelmente o pouco conhecimento sobre gênero e sexualidades seja um dos motivos fundamentais pelos quais os profissionais do campo da educação continuam ensinando e regulando, “discretamente” (às vezes nem tanto!) maneiras mais “adequadas” de meninos e meninas se comportarem. Problematizar e estranhar as formas de lidar com as crianças, especialmente no que se refere às questões de gênero, talvez se apresente



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

como um começo para que essas questões passem a ser tratadas de forma um pouco diferente e menos preconceituosas (p. 41).

De acordo com a citação acima, já não basta dizer-se que a sexualidade é ensinada no momento em que as crianças aprendem as partes do seu corpo, a distinção dos gêneros no momento em se divide o que é para meninos e o que é para meninas. As diversidades são encontradas e vivenciadas cotidianamente e diariamente por cada um de nós. Faz se necessário possibilitar debates sobre a configuração das identidades por meio de livros infantis, os quais estão presentes na construção desses sujeitos infantis através de suas trocas singulares, convívio entre pares, diversidade e expressão. Segundo Hall (2011, p.12) o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não só de uma única, mas de várias identidades.

BIBLIOGRAFIA:

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices** / Fanny Abramovich. – São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF. 1998. 3v.: il.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais. 1ª a 4ª série**. Brasília: MEC, 1997. 142p.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa: formação de professor no pacto nacional pela alfabetização na idade certa**/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2012. 39 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa : currículo na alfabetização : concepções e princípios : ano 1 : unidade 1** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília : MEC, SEB, 2012. 57 p.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. **Sexualidad (s) e infância (s): a sexualidade como um tema transversal**/ Ana Maria Faccioli de Camargo, Claudia Ribeiro; coordenação Ulisses F.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Araújo. – São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999. – (Educação em pauta: Temas Transversais).

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada, (organizadoras.)/
Infâncias, gêneros e sexualidade nas tramas da cultura e da educação. – Canoas: Ed. ULBRA, 2013.

FOLLADOR, S. F. H. **A contação de histórias como elemento necessário na construção do leitor.** In. Caminhos reflexivos da pesquisa docente / Darli Collares, Carime Rossi Elias (Organizadoras). – 1. Ed. – Curitiba: Honoris Causa, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo : diversidade e currículo** / Nilma Lino Gomes; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf>. Acessado 04/11/2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade/** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11. Ed. 1. Reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado. Belo Horizonte. Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvia Vilodre. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 9, ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e educação: teoria e política.** In LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SILVA, Benícia Oliveira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Sexualidade na sala de aula: tecendo aprendizagens a partir de um artefato pedagógico. In: **Revista Estudos Feministas.** - Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Ed. 19 [2]. Maio/Agosto, 2011. Acessado em 15/08/2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/1708>